




Sombras para além do teatro. Conversa com Ronaldo Robles e Silvia Godoy – Cia. Quase Cinema

Entrevista concedida a Mario Ferreira Piragibe

Para citar este artigo:

PIRAGIBE, Mario Ferreira; ROBLES, Ronaldo; GODOY, Silvia. Sombras para além do teatro. Conversa com Ronaldo Robles e Silvia Godoy – Cia. Quase Cinema. *A Luz em Cena*, Florianópolis, v.4, n.08, dez. 2024.

 DOI: <https://doi.org/10.5965/27644669040820240802>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



Sombras para além do teatro. Conversa com Ronaldo Robles e Silvia Godoy – Cia. Quase Cinema¹

Mario Ferreira Piragibe²
Ronaldo Robles³
Silvia Godoy⁴

Resumo

O texto é uma versão editada e corrigida da entrevista concedida em 01 de novembro de 2024, por Ronaldo Robles e Silvia Godoy, fundadores da Cia Quase Cinema de teatro de sombras e produtores do FIS – Festival Internacional de Teatro Sombras, a Mario Piragibe. A discussão aborda os motivos para a criação do Festival de Teatro de Sombras, que completou 11 anos desde a fundação em 2024 e os impactos, tanto projetados quanto observados, tanto do FIS quanto da atuação da Cia Quase Cinema. A conversa ainda aborda as relações estreitas entre os princípios que regem o Festival e os processos poéticos da companhia, e a visão de seus fundadores quanto à oferta de um legado responsável, não apenas para o campo das artes.

Palavras-chave: Teatro de Animação; Teatro de Sombras; Festivais de Teatro de Animação; Cia Quase Cinema.

¹A presente publicação é resultado parcial da pesquisa pós-doutoral intitulada: Festivais de Teatro de Bonecos: impactos da difusão do teatro de animação no Brasil, realizado com bolsa CNPq, por meio da chamada CNPq n. 32/2003 –Pós-doutorado Sênior. PDS 2023.

² Mario Piragibe é Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, obtendo o grau. Ator e professor de teatro, é Professor Efetivo do Curso de Teatro do Instituto de Artes (IARTE) da Universidade Federal de Uberlândia -UFU. Sua primeira pesquisa de pós-doutorado foi feita em 2017 na Royal Central School of Speech and Drama – University of London (UK), sobre formação em atuação para o Teatro de Animação contemporâneo (Bolsa CAPES, pós-doutorado no exterior), e em 2024 realiza novo estágio de pós-doutoramento, desta vez na UDESC, sobre festivais e sistemas de circulação do Teatro de Animação brasileiro (bolsa CNPq – Pós-doutorado Sênior).

✉ mpiragibe@gmail.com |  <http://lattes.cnpq.br/6825902106907746>  <https://orcid.org/0000-0002-8244-5753>

³ Diretor, artista visual e performer, formado em Ciências Sociais (LLECH/USP). Em 2004, fundou a Cia. Quase Cinema onde concebeu diversos espetáculos de teatro de sombras. Idealizador e coordenador do Festival internacional de Teatro de Sombras (FIS). Pesquisa a potência poética do espaço urbano através das intervenções cênicas urbana da Cia. Quase Cinema e dedica especial atenção para a questão espacial e imagética que envolve o universo das sombras. Em companhia da artista Silvia Godoy, visitam campos de refugiados oferecendo espetáculos e workshops.

✉ fisteatrosombras@gmail.com |  <http://lattes.cnpq.br/2571383573046840> | 

⁴ Iluminadora, bailarina, performer e diretora, formada em Comunicação em artes do Corpo PUC/SP, pesquisa a consciência corporal do performer e a função da luz no espaço cênico, dando especial tratamento para a preparação do performer para o teatro de sombras. Fundadora da Cia Quase Cinema dirige e atua nos espetáculos.

✉ fisteatrosombras@gmail.com |  | 



Shadows beyond theatre. Talk with Ronaldo Robles e Silvia Godoy – Quase Cinema Co.

Abstract

This is an edited and corrected version of the interview given on November 1, 2024, by Ronaldo Robles and Silvia Godoy, founders of the Cia Quase Cinema shadow theater, and producers of the FIS – International Shadow Theater Festival, to Mario Piragibe. The discussion addresses the reasons for the creation of the mentioned Shadow Theater Festival, which completed 11 years since its foundation in 2024, and the impacts, both projected and observed, of both the FIS and the artistic work of Cia Quase Cinema. The conversation also addresses the close relationships between the principles that govern the festival and the poetic processes of the company, and the vision of its founders regarding offering a responsible legacy, not only to the field of art.

Key Words: Puppetry; Shadow Theater; Puppetry Festivals; Quase Cinema Co.

Sombras más allá del teatro. Conversación con Ronaldo Robles y Silvia Godoy – Cia. Quase Cinema.

Resumen

Este texto es una versión editada y corregida de la entrevista concedida el 1 de noviembre de 2024 por Ronaldo Robles y Silvia Godoy, fundadores de la Cia Teatro de Sombras Quasi Cinema y productores del FIS – Festival Internacional de Teatro Sombras, a Mario Piragibe. La discusión aborda las razones de la creación del Festival de Teatro de Sombras, que cumplió 11 años desde su fundación en 2024, y los impactos, tanto proyectados como observados, tanto del FIS como de las actividades de Cia Qualidade Cinema. La conversación también aborda las estrechas relaciones entre los principios que rigen el Festival y los procesos poéticos de la compañía, y la visión de sus fundadores respecto a ofrecer un legado responsable, no sólo para el campo de las artes.

Palabras-clave: Teatro de Títeres; Teatro de Sombras; Festivales de Teatro de Títeres; Cia. Quase Cinema.



Imagem 1: Silvia Godoy, Ronaldo Robles em entrevista via plataforma virtual com Mario Piragibe



Fonte: Registro e arquivo pessoal de Mario Piragibe

Mario: O FIS, Festival Internacional de Teatro de Sombras é o único nessa linguagem em atividade no Brasil, suponho que seja o único nessa linguagem no próprio continente.

Ronaldo: Acho que é o único. Na Argentina, o Pablo Longo⁵ fez um festival.

Silvia: Festival Don Segundo⁶.

Agora em 2024 o FIS chegou à sua 11ª edição, tendo trazido inúmeras atrações para a cidade de Taubaté, onde vocês residem e trabalham, de diversas partes do Brasil e do Mundo. O Festival é o resultado de um esforço muito bonito: sempre trazendo atrações internacionais e relevantes. Qual foi o desejo que os levou a propor o FIS e, em retrospectiva, o que mudou de 2014 para cá em termos dos objetivos imaginados e alcançados pelo Festival?

⁵ Diretor teatral argentino, integrante da Cia, Pájaro Negro de Luces y Sombras, dedicado ao teatro de sombras e ao audiovisual.

⁶ Festival de Teatro de Sombras realizado na cidade de Mendoza, Argentina. Sua 5ª edição ocorreu no ano de 2023 (Instagram: @festivaldonsegundo).



Sílvia: Sobre o início, o porquê, eu acho que está bastante ligado ao fato de que a gente faz a nossa pesquisa enquanto companhia, e esse processo é muito solitário. A gente aqui, outro pessoal lá no Sul, não sei mais quem... E é isso mesmo: não sei mais quem. Quem está fazendo esse tipo de pesquisa no Brasil, ou fora?

Parecia que a gente estava sozinho. Eu acho que o festival vem com essa ideia de juntar, de trazer as pessoas para perto. De formar essa família e estar próximo dessas pessoas que estão pesquisando a mesma coisa que a gente, trocar informações e construir realmente um núcleo de pessoas que quer falar sobre teatro de sombras. Enfim, eu acho que é um pouco esse o começo, o de juntar o pessoal.

Ronaldo: Acho que seria importante mencionar uma pessoa muito importante para a criação do próprio FIS, que é o Luiz André [Cherubini], do Sobrevento⁷. Antes de a gente vir para Taubaté – a gente mudou em 2009 para cá, o festival começou logo depois, em 2013 – pouco antes, de a gente se mudar para cá, o Luís André já tinha promovido no Espaço Sobrevento, [em São Paulo], um encontro de *sombristas*. Já tinha feito um movimento por lá, mas foi um encontro para bater papo, para conversar. E aquilo ficou na nossa memória, sabe? Como uma possibilidade muito bacana de a gente promover encontros, ou seja: fazer com que as pessoas que pesquisam nessa área, ou que tem o desejo, pudessem ter um lugar de referência. Onde pudessem se encontrar, trocar ideias, fazer intercâmbio.

E houve duas viagens: eu fiz uma viagem para o Gioco Vita⁸. Eu fiquei um mês no Gioco Vita num intercâmbio, aprendendo lá, e a Sílvia ficou uma semana, quase 10 dias na Alemanha, com o Norbert [Götz]⁹. Ela foi em 2010, e eu fui em 2012. Em 2010 ela estava na Alemanha, em um curso de formação de *sombristas* e eu em 2012 eu estava no Gioco Vita.

Quando voltei do Gioco Vita, com essa bagagem de a gente ter passado pelo Sobrevento, naquele primeiro encontro, depois de a Sílvia ir para fora, eu ir para fora, e a gente sentia falta, mesmo, disse que a Sílvia falou, de ter um lugar onde a gente pudesse encontrar os *sombristas*,

⁷ Luiz André Cherubini é ator, marionetista e diretor teatral. Fundador, junto de Sandra Vargas e Miguel Vellinho, do Grupo Sobrevento, em 1986.

⁸ Fundado em 1971, em Piacenza, Itália, o Teatro Gioco Vita é considerado uma das principais companhias dedicadas ao Teatro de Sombras contemporâneo, criando espetáculos e promovendo formação (<https://www.teatrogiocovita.it/>).

⁹ Artista fundador da Theater der Schatten (Teatro das Sombras), em Bamberg, na Alemanha.



onde a gente pudesse falar sobre essa linguagem, pudesse pesquisar, pudesse criar conteúdo, pudesse promover intercâmbios de linguagem, de técnicas e formas de dramaturgias.

Silvia: E de trazer o pessoal de fora, também, para cá, para conversar com a gente, para dialogar, para trocar. Na ideia, ele já nasceu Internacional, o festival.

Ronaldo: E daí a gente lançou. Em 2013, a gente resolve fazer uma primeira edição. Apareceu um edital aqui no estado de São Paulo, que era específico para festivais¹⁰. Então a gente falou: vamos mandar, vamos ver, porque a gente queria muito.

Silvia: É, e aí tinha essa questão – agora que o Ronaldo falou eu lembrei: todos os editais que falavam de festival. Geralmente contemplavam festivais que já estavam acontecendo. As primeiras edições você tinha que ralar, por conta própria, se vira aí! Faz a primeira edição, que depois, na segunda, quem sabe a gente ajuda. E esse edital que saiu, do ProAC, aqui do estado, ele tinha uma linha que era para primeiras edições com valores bem menores. Mas vamos lá, vamos nesse aqui. E aí foi até engraçado, porque a gente ganhou dois editais. A gente ganhou uma montagem de um espetáculo e o festival. E na época você não podia, você tinha que escolher um dos dois. Aí eu pedi desculpas para o pessoal que ia fazer a montagem. Falei, gente, desculpa, mas o festival é mais importante. Pegamos o festival e deixamos a montagem de lado.

Ronaldo: E o festival não é um lugar onde se faz grana. É uma coisa de muito trabalho, muito investimento e pouco retorno financeiro. O retorno que você tem, mesmo, é um retorno de *networking*, um retorno maravilhoso. Mas, mais do que isso, é o retorno de crescimento intelectual, de fomento do próprio teatro. A gente sentia uma necessidade de fomentar o Teatro de Sombras no Brasil. A gente sabia que existia muito dele por aqui, mas entendeu que precisava fazer um fomento verdadeiro, algo que marcasse e riscasse o chão, entendeu? Para dizer: existe isso aqui, tem um festival próprio da linguagem, tem um seminário que acontece, também internacional. É o único seminário Internacional que acontece no mundo. Esse é do mundo inteiro! Seminário Internacional de Teatro de Sombras, que acontece no Brasil. Que louco, né? Um negócio que nasceu na China, na Índia, não sei quantos mil anos atrás, e a gente dá de louco aqui no Brasil de falar meu, vamos fazer um festival Internacional desse negócio?

¹⁰ ProAC, Programa de Incentivo à Cultura do Governo do Estado de São Paulo



De 2013 para 2024, por que transformações o FIS passou? As motivações continuam sendo as mesmas ou outros objetivos surgiram pelo caminho?

Silvia: Para mim é basicamente a mesma motivação desde o início. O seminário, por exemplo, veio depois. A primeira edição não teve seminário. Foi um desejo nosso que cada artista pudesse falar, e a Fabiana Lazzari de Oliveira¹¹ entrou como parceira para poder organizar melhor. Para a gente era meio assim: bota todo mundo junto, dialogando e vamos embora. E ela entra e organiza: vamos fazer assim, vamos ter um tema, vamos ter isso e aquilo. Então a gente sempre fica com esse desejo fazer mais, de poder promover mais dentro do festival.

Imagem 2 – Mesa do Seminário de Estudos durante o X FIS (2023), Na foto: Valter Valverde, Sandra Lane, Valmor Nini Beltrame, Fabiana Lazzari, Lucar Larcher e Ricardo Zahra.



Fonte: Registro fotografico de Guilherme Moreira, acervo da Cia. Quase Cinema

¹¹ Doutora pela UDESC com pesquisa sobre formação e atuação para o Teatro de Sombras contemporâneo, é professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, UnB, e colaboradora de diversas publicações, festivais e seminários ligados às linguagens do Teatro de Animação no Brasil.



Ele ainda nasce com o desejo de levar esses espetáculos também para as áreas rurais e para as outras cidades, além de Taubaté. Permanece essa vontade de que os artistas se encontrem com aquelas crianças lá no interior, que praticamente não recebem nada. Não assistem, não têm oportunidade de assistir. O FIS já nasce com essa vontade. E de fato havia muita coisa que a gente não conseguia fazer por falta de grana, de disponibilidade. Agora a gente já está conseguindo fazer bastante daquilo que a gente foi desejando, sonhando, desde o início.

Ronaldo: Tem uma coisa interessante nisso que a Silvia está trazendo, que é o festival acontecer também na zona rural, acontecer no entorno. Não é um festival que acontece só na cidade de Taubaté, mas ele atinge outras quatro cidades da região¹² e daí ele vai pra zona rural, vai para a periferia. É um festival que tem um olhar mais social, no sentido de fazer com que o teatro chegue em lugares onde o braço do Estado não chega. Não é um festival que acontece num teatro específico, num local por onde passam todos. Outra coisa que a gente decidiu, também, e tem mantido, e é o maior dos desafios, eu diria, é fazer com que todos [os convidados] permaneçam aqui durante todo o festival. Todo mundo fica no mesmo hotel, e durante todo o período do festival as pessoas ficam juntas, com o seminário e o *workshop* acontecendo dentro do festival. Então a gente imagina que o festival passa a ser um tubo de ensaio, um lugar onde artistas podem realmente trocar, intercambiar, discutir, falar. Esse é o objetivo, sabe? De colocar esse pessoal junto dentro dessa nave e a gente passar uma semana viajando juntos.

E isso que você está falando faz muito sentido, porque me parece, que está bem alinhado à ética da companhia Quase Cinema, que é percorrer esse caminho na direção do público. A mim parece que essa ética se articula muito com a proposição de um festival. A Cia. Quase Cinema tem como principal identidade poética a criação de apresentações com sombras ao ar livre, intervindo sobre o espaço urbano e oferecendo a arte de vocês a um público em alguma medida involuntário, transeunte. Como vocês percebem o impacto da arte com a sombra sobre as pessoas desse ambiente urbano, coletivo. Quais

¹² Pindamonhangaba, São Luiz do Paraitinga, Jacareí, Lagoinha e Paraibuna



impressões foram possíveis de ser colhidas, em termos de contribuição para o espaço, e como Taubaté e região acolhem e compreendem a presença da Quase Cinema?

Silvia: Eu vou responder isso também, mas eu gostaria de falar um pouco mais sobre a pergunta anterior. A gente acabou de chegar de um festival da Alemanha¹³, que fez esse ano trinta e cinco anos, e está na décima terceira edição, eles fazem de três em três anos. Lá a gente percebeu que havia muitos espetáculos para assistir, uma enormidade de companhias. E o esquema é assim: você chega um dia antes, apresenta e vai embora no dia seguinte. É uma média de três dias que os artistas ficam. E as pessoas que estavam participando reclamaram muito disso, porque não tinha esse lugar do encontro: uma companhia chegava, encontrava ali, rapidamente, um ou outro compadre, e dali a pouco já estava indo embora, e outro ficava. Não havia um momento para conversar, para bater um papo. Inclusive para assistir aos espetáculos. Então a gente percebe o quanto faz falta esse momento para essas companhias se encontrarem, poderem trocar, dialogar. A gente vê isso refletido nos próprios trabalhos que o festival trouxe. A impressão que tivemos em uma visão geral dos trabalhos, é que faltou um pouco de uma compreensão do que é a sombra.

Também havia uma questão de que o festival mudou. A pessoa que cuidava de produzir o festival faleceu repentinamente no início deste ano, e outra produtora foi posta no lugar. Tem a questão de ser a primeira vez que essa outra pessoa estava fazendo o festival, mas era visível uma abordagem um tanto problemática sobre o entendimento da sombra nos trabalhos apresentados. Havia coisas tecnológicas, trabalhos em dança, mas dava para ver que algumas das questões sobre o que é a sombra, o que é o espetáculo com sombras, coisas sobre as quais discutimos bastante, se perdeu bastante, em algum momento, em algum lugar. Muitas linguagens misturadas, o que não tem problema, mas que deixa a questão sobre o que é para ver nesse espetáculo? É para ver a sombra, para ver o objeto? E havia espetáculos que simplesmente não tinham sombras, sombra nenhuma.

Mas então é interessante. Quando a gente tem um lugar assim: onze anos, onze edições, sempre falando, tendo seminários, *workshops*, residências, e tudo, a gente percebe que existe

¹³ International Shadow Theater Festival, em Schwäbisch Gmünd, Alemanha.



uma discussão aqui no Brasil sobre o universo do teatro de sombras que não existe em lugar nenhum. E isso é bem interessante de se entende, de cair a ficha e falar: - *putz!* Tanto que teve um alemão que no último dia, no encerramento, veio falar com a gente. Ele disse que já havia sido bonequeiro, mais como *hobby*. Ele havia assistido a todos os espetáculos e veio nos parabenizar porque havia visto que o nosso espetáculo tinha mais conteúdo. Em outros espetáculos não havia encontrado um conteúdo tão forte quando o que nós trouxemos. Isso me levou a pensar que pode estar relacionado ao nosso histórico de trabalho com pesquisa. A gente não está fazendo sombra para fazer sombra; vou fazer uma *sombrinha*. Tem um processo que a gente desencadeia para chegar àquela sombra, para chegar ao porquê de eu estar projetando aquela sombra.

Da mesma forma, indo para a sombra na arquitetura, porque a gente foi lá pra arquitetura, né? Não foi: vou fazer sombra porque eu acho legal. Tem uma motivação, e os espetáculos de hoje que a gente leva para a rua passam por todo um processo de construção, de como fazer a dramaturgia, que imagens trazer para o público. Que está ali na rua, que está passando. Que tipo de imagem eu vou levar? Não posso jogar qualquer imagem na parede. Tem todo um processo de elucubração, de pensar, pra poder chegar a algum lugar. E sem perder a poesia, né?

Imagem 3: Workshop ministrado por Fabrizio Montecchi (Teatro Gioco Vita), durante o 2º FIS (2014).



Fonte: Fotografia de Roger Lisboa. Acervo da Cia. Quase Cinema.



Ronaldo: Eu quero até dar um passo atrás, se me permite. Porque o nome da Cia Quase Cinema vem de um programa experimental audiovisual que o Hélio Oiticica organizou¹⁴, né? É uma proposta de *namorar* com o cinema, com a imagem em movimento. Então ele apresenta vários artistas. Até [Marcel] Duchamp¹⁵, ele faz um catálogo bem extenso, vários brasileiros: Miguel Rio Branco¹⁶, Mário Peixoto¹⁷, vários artistas brasileiros que são artistas visuais e que vão produzir cinema, mas um cinema de arte, não um cinema convencional. É muito bacana, o catálogo. Então a gente pega esse nome, *quasi-cinema*, para a gente. Influenciado pelos *parangolés*¹⁸, por exemplo, do Hélio Oiticica, que ele que ele sai do museu, ele rompe com o lugar do museu, ele rompe com essa coisa, meio igreja, um lugar de elite, um Éden inalcançável, e ele cai na rua. Veste um sambista, que é um cara do povo, com um *parangolé*, que é um monte de sacos, uma colcha de retalhos, e que é um manto, na verdade.

Eu acho que a Cia. Quase Cinema se traduz um pouco nesse lugar, do que o Hélio Oiticica fez. Penetráveis, com aquilo de ele pegar pedaços de pedra na rua, de calçada, de tijolo, e trazer para dentro do museu. Para a gente, quando estamos em um *foyer* de um teatro e olha para as pessoas que estão ali, antes de entrar, e percebe que são pessoas que comem as mesmas coisas, vão aos mesmos restaurantes, ouvem as mesmas músicas, se vestem parecido, já frequentaram lugares, então é quase como se eu estivesse com a minha tribo, sabe? Estamos aqui entre nós, né? E quando a gente vai para a rua, quando a gente leva o festival para zona rural, para a periferia, quando a gente junta todo mundo aqui no festival, e o pessoal anda pela cidade em trupe, os artistas, os professores, todo mundo andando na cidade parecendo um bando. O que rola é o seguinte, é uma coisa de a arte estar no meio da vida, ela faz parte do cotidiano, ela está ali quase como um rizoma, entendeu? Uma plantinha que nasce entre as pedras ali da calçada, entende? Que está ligada e que vai se espalhando *entre*.

¹⁴ *Quasi-cinema* é um conjunto de projetos de experimentação audiovisual desenvolvido pelo artista brasileiro Hélio Oiticica (1937-1980).

¹⁵ Marcel Duchamp (1887-1968), pintor escultor e poeta francês, foi um dos precursores da arte conceitual.

¹⁶ Miguel Rio Branco (1946-) é um fotógrafo e artista multidisciplinar brasileiro.

¹⁷ Mario Peixoto (1908-1992) foi um cineasta, roteirista e escritor brasileiro nascido na Bélgica, autor de *Limite*, considerado um dos principais marcos do cinema brasileiro.

¹⁸ *Parangolés* são obras de arte criadas por Hélio Oiticica nos anos 1960, que consistiam em tecidos ou fitas coloridas, que poderiam ou não conter mensagens escritas. O artista concebeu os *parangolés* como obras de arte para serem diretamente experimentadas pelos espectadores, que poderiam vesti-los ou simplesmente interagir como eles. Dessa forma, a arte pode ser experimentada e compartilhada, não se restringindo a apreciação passiva de um objeto.



É um acontecimento. Então, o que a gente provoca com o nosso trabalho são acontecimentos, são situações que trabalham com memória afetiva. O nosso trabalho é poético, é memória afetiva e simbólica. Então é isso que a gente traz para o nosso espetáculo e cria uma dramaturgia que não é inspirada no que o europeu ensinou pra gente, no que o europeu fez a gente engolir enquanto uma dramaturgia teatral necessária pra ser teatro. Que tem que ter conflito, o arco [dramático], não sei das quantas. O nosso trabalho é um outro lugar, que está mais ligado a esse lugar de pesquisa. Híbrida, que tem dança, que tem música, que vai para a rua, que trabalha com o popular, mas também é erudito.

Então é um lugar do *entre*, né? Então é um rizoma, né? Daí eu fico pensando que o festival vem nessa linha também, de contemplar esse lugar, de levar não só os espetáculos, mas todas as pessoas a terem esse espaço de encontro, esse lugar do acontecimento. Os espetáculos são acontecimentos que acontecem, às vezes numa escola, às vezes numa praça, às vezes dentro do teatro, também. Mas são acontecimentos para a cidade, sabe? E depois desse tempo todo que a gente vem fazendo, a gente percebe que a cidade já deseja o festival. Não só Taubaté, mas no entorno. A gente encontra pessoas que há dez anos tinham 8 anos, 9 anos, 10 anos, e hoje já são professores. Com 20 anos, 25, já estão na escola dando aula. E fala assim: quando eu era pequena o festival veio aqui na minha cidade, veio aqui na minha escola, e agora eu sou professora. Assim, o tempo passou, mas esse rizoma me parece que, assim como uma graminha que está ali no asfalto, e daqui a pouco se tem que chamar a prefeitura, porque virou um matagal.

A ideia é um pouco essa, de a gente ir entrando nesses lugares, e principalmente nos lugares que estão vazios, né? Quando a gente olha pro universo da arte, a gente percebe que o teatro produzido que a gente acaba encontrando conversa com o teatro, não conversa com o povo. Daí eu fico olhando pro teatro de Mamulengo, porque ele conversa com o teatro, mas ele fala muito mais com o povo. Embora a gente seja um teatro de sombras, brasileiro, e que está no campo do erudito, porque não é uma arte popular, não é uma arte que nasceu no Brasil – é popular na China e na Índia, isso é popular lá. Aqui não, aqui é outro lugar. Mas a gente tem esse desejo de ser popular, a gente tem essa vontade de falar direto com o público. E de ter de ser muito mais um teatro que está falando com as pessoas, com quem passa, né, do que do que com o outro cara do teatro. Não porque não seja legal. É muito bacana falar com quem é do



teatro, tanto é que a gente quer encontrar quem é do teatro tal, mas eu acho que é uma questão mesmo de poética e de direcionamento, de com quem a gente quer falar.

Silvia: E acho que isso vem muito do universo de onde a gente veio. Eu passei pelo teatro, pelo circo, pela dança, e fui encontrar na performance uma coisa que eu achei que fosse bacana para mim enquanto artista. Daí, da performance, vem esse desejo de não querer ficar fechadinha no teatro. De querer expandir pra fora de, enfim, – quebrar tudo! (risos)

Ronaldo: Eu venho das Artes Visuais, e fiz Ciências Sociais e Antropologia. Em Antropologia, estudei Antropologia da Performance e do drama. Fui estudar Victor Turner¹⁹, uma galera que está estudando Performance, [Richard] Schechner²⁰, fui me aprofundar numa visão de *arte-vida*. Então, a gente fica buscando esse lugar de a arte não ser separada da vida.

Silvia: Nem longe das pessoas.

Ronaldo: Nem longe das pessoas; tem que estar ali no meio. Eu acho que talvez o festival também. Eu até vejo o festival, tenho até medo de falar isso, mas como uma ação performática, algo que acontece enquanto performance. Não é apenas juntar gente. É por isso que ficam todos a semana inteira, é por isso que todo mundo come no mesmo lugar, que é um ritual, essa coisa de comer todo mundo junto. Por isso que tem essa coisa toda de andar na rua, de mãos dadas, cantando, fazendo coisas. Isso tudo é uma performance. Para mim é um é um momento de performar do Teatro de Sombras. Eu falo que tenho medo de falar isso porque eu estou indo para um lugar tão imagético, tão louco...

Não está não, Ronaldo. Vai, não está não.

Ronaldo: Como é que pode um festival ser uma performance em si? Mas ele é uma Performance em si, porque ele traz uma linguagem que está na periferia do teatro. O teatro de sombras está bem na periferia. E eu me lembro que durante a minha formação em antropologia, a gente estudava de que as revoluções acontecem na periferia. Elas começam na periferia, porque o centro, ele já está cooptado pelo sistema. Então, quem tem liberdade para

¹⁹ Victor Turner (1920-1983) foi um antropólogo britânico cuja obra é de grande importância para o estudo dos rituais e simbolismo cultural.

²⁰ Richard Schechner (1934-) é um antropólogo americano pioneiro na área de estudos da performance, disciplina que integra teatro e antropologia.



revolucionar, quem consegue trazer uma ideia nova, e tal, é quem está na periferia, porque quem está no centro já é o centro, já é o sistema. Eu vejo o Teatro de Sombras como uma potência, não só os espetáculos, como quem produz, quem pesquisa e o festival em si, como uma potência de se trazer algo novo, de propor uma relação diferente da arte com o público, da arte com a arte, da arte com a Academia. É por isso que a gente tem esses desdobramentos, essas camadas dentro do festival, que é o *workshop*, que são os espetáculos com o público, participando, e o seminário. A gente tem esses braços no sentido de fazer com que a experiência que é o festival seja uma experiência potente, no sentido de vivência. De vida, de performance, de coisa que está acontecendo aqui agora, entende? Não é uma coisa que está sendo projetada para a frente nem para trás, mas é um acontecimento: acontece aqui na cidade, acontece na escola, acontece nesses lugares.

Olha, ouvindo vocês falarem, eu cada vez menos consigo distinguir a ação da Cia Quase Cinema entre o repertório artístico e a realização do festival. A mim parece que o mesmo tipo de construção artística que é feita na relação com o ambiente externo e a maneira como se como se pensa e se promove a produção do evento, há uma série de coerências poéticas, tudo fazendo parte de uma mesma proposição.

Ronaldo: A discussão do contemporâneo passa por essas reflexões. Quem são as nossas referências, entende? Quando a gente olha para as nossas referências, que estão ligadas à Performance, eu vou falar do Hélio Oiticica, que leva o Parangolé pra rua, né? Que rompe com a ideia do museu, e a gente está aqui fazendo um festival de Teatro de Sombras internacional, no interior de São Paulo, que vai para a zona rural, cara, que vai apresentar nas escolas rurais, porque, é uma coisa que acontece na rua. Então eu começo a pensar o quanto é necessário a gente, enquanto artista, fazer uma autocrítica de o que a gente produziu até agora. E essa produção, no que ela impactou para o futuro da humanidade? Enquanto paz, guerra, fome, entendeu? Igualdade entre as pessoas, de oportunidade? Porque tem várias coisas a que a Arte se propõe, como um lugar que rompe com o limite das Fronteiras, inclusive os muros que existem entre os países. Toda essa, essa fronteira.

Silvia: Apenas um parêntese: houve uma edição em que a gente teve aqui um grupo da



Grécia e um grupo da Macedônia, que são dois países que, historicamente, não se bicam. Posteriormente a gente ficou sabendo que o esse pessoal da Macedônia – eles fazem também um festival de teatro de sombras, lá na Macedônia. E eles convidaram o grupo da Grécia para participar. Que potência! Quanto a gente poderia fazer nesse sentido, né, de trazer grupos para dialogar, enfim, e para trocar. Sem pensar nessa questão de fronteira, que é uma bobagem.

Ronaldo: E daí, voltando ao que eu estava falando, até onde os festivais e os grupos europeus continuam colonizando, continuam sendo ícones da colonização que se passou durante todo esse tempo, para quem a gente é um *terceiro mundo* colonizado pelos textos e pela história do teatro, que nasceu na Grécia, não nasceu na China e nem na Índia.

E desconsidera o teatro de sombras anterior a isso, o nome teatro de sombras foi incorporado, mas a uma coisa que já existia. Já existia quanto, quanto coisa, sabe? E daí se incorporou o nome de teatro a uma ação que nem se chamava teatro. Não era o nome teatro, entende? Eu fico pensando assim, o quanto a gente é colonizado pelos formatos de festivais, pela forma dramatúrgica que vem da Europa e que a gente consome? Pelos textos que chegam para a gente. Então, quando é que a gente vai começar a construir conteúdo? Quando a gente vai começar a se libertar disso tudo e fazer do nosso jeito, fazer a nossa coisa, como o Mamulengo faz? Nos outros lugares, de produção artística eu acho que é importante a gente se voltar para dentro e pensar, o que seria uma coisa brasileira. Acho que dei essa volta toda para te falar de que no Brasil, o teatro é lugar de elite, é um lugar fechado. É um lugar onde pouca gente consegue ir, onde os jovens vão cada vez menos. Você tem dificuldade de levar o jovem, quando, na outra mão, o samba é na rua, o Mamulengo acontece na rua, todas as expressões do que é brasileiro, são coisas populares, que acontecem na rua, umbigada.

Silvia: Você vê uma molecada dançando o coco hoje?

Ronaldo: Fazendo jongo, entendeu? Batuque, o Maracatu. E daí eu acho que a gente começa a pensar essa coisa de ir para a rua com o teatro de sombras a partir um pouco disso. A gente tem que estar na rua, cara, a gente é Brasil, sabe? A gente vem dessa cultura que é uma cultura de rua. As pessoas que se encontram na rua, na periferia. Vão jogar bola, bola de gude. É ali que a vida acontece, o social, eu estou falando do encontro. Do lugar específico para o encontro, para o acontecimento da vida social. Então a gente não ia ficar confinado ao teatro, sabe?



Você toca numa questão fundamental, sobre quando se pensa nas manifestações contemporâneas daquilo que a gente chama teatro, em comparação ao que a gente presencia nas manifestações regionais, locais, do tipo de expressão artística que fazem sentido para determinados grupos de pessoas. Parece que estamos começando a nos dar conta disso agora. Eu, como alguém que trabalha numa escola de teatro percebo que aquilo que chamamos usualmente de teatro não é está restrito a um determinado tipo, muito específico de manifestação, que mesmo na tradição artística europeia é apenas uma parcela daquilo que a gente considera a arte teatral. Como é que a gente consegue por meio da ampliação das possibilidades linguísticas, da interação direta com as comunidades onde e para quem esse tipo de manifestação artística é feito, encontrar caminhos próprios de expressão, e mesmo reconhecer a amplidão desses meios.

A Silvia fez uma descrição brilhante de uma provável transformação provocada pelo FIS, de grupos com rixas milenares que vieram se encontrar aqui debaixo do Equador para fazer Teatro de Sombras, e assim ao menos criar um germe para formar como essas pessoas podem se relacionar. E que outras pequenas revoluções o FIS, e a Cia Quase Cinema já testemunhou, como resultados do seu ofício, seja por meio do FIS ou de seu repertório?

Ronaldo: Por exemplo, tem alguns grupos que nasceram a partir do FIS, gente que veio fazer o *workshop* e agora estão com estão com espetáculos. Eu acho que houve várias revoluções, porque é como eu estava falando da questão do rizoma, né? Você se encanta por uma coisa que parecia ser invisível, mas que estava ali na tua cara, né? E daí assim, Silvana [Marcondes]²¹ que, puxa, a Silvana é uma artista incrível, uma cenógrafa que foi indicada ao Prêmio Shell, e outras coisas, apaixonada pelo Teatro de Sombra. E ela diz que o FIS, e os *workshops* do FIS e o fato de ela estar por aqui fez com que ela se dispusesse a montar os seus próprios espetáculos. Então tem uma galera que veio pra cá e que a partir dessa experiência do FIS, monta os espetáculos e entra no universo.

²¹ Silvana Marcondes é artista plástica, figurinista, aderecista, cenógrafa e bonequeira. Por seu trabalho já recebeu prêmios Shell de Teatro (2008) e Prêmio Panamco de Teatro Infantil (2003), obtendo ainda diversas indicações para outras premiações. Atuou também como estilista em parceria com o artista Jun Nakao.



Silvia: Na questão local, também tem bastante coisa. Tem um amigo nosso, que é diretor de teatro e ele dá aula de teatro nas escolas municipais. No contraturno do período integral ele dá aula de teatro. Ele começou a fazer um trabalho de Teatro de Sombras, trazer o Teatro de Sombras para as aulas de teatro dele com a criançada. Ele tem um monte de coisas para contar a partir da experiência, ele super curtiu trabalhar com teatro de sombra com as crianças. Outra coisa é que a gente tenta fazer o festival dentro do Escola de Artes daqui²². Essa última edição a gente não conseguiu, porque a escola está passando por uma reforma, está com aquelas questões de deterioração por falta de cuidado. Coisa dos equipamentos públicos. Mas os meninos que estudam lá, a gente ouviu muitas vezes eles falando: “esse aqui é o melhor festival que eu já vi no mundo”; “eu nunca vi espetáculos tão bons!”; “é a primeira vez que eu tô vendo um teatro com um espetáculo tão bom quanto esse”, então. É o fato de vir pra cá, para a escola deles, um espetáculo com uma qualidade tão bacana, a ponto de a pessoa ficar assim realmente encantada. E os próprios alunos às vezes incorporam aos trabalhos finais deles, dentro da formação em teatro dessa escola, cenas com Teatro de Sombras.

Ronaldo: E, durante a Pandemia, o Sítio do Pica-Pau Amarelo²³ – a gente nem ficou sabendo disso – eles têm um grupo de teatro lá que apresenta peças ligadas ao universo do Monteiro Lobato, da literatura. Eles se vestem de Emília, aquela coisa, e apresentam, acho que três sessões diariamente. O lugar tem uma visitação muito grande de escolas, o Sítio, que é um museu histórico que recebe uma visitação grande de escolas do entorno. Vem  nibus pra cá, e tem essa peça que acontece. Durante a Pandemia ficou fechado. O que   que eles fizeram? Vídeos de Teatro de Sombras, e subiram para a página *web* do museu e apresentaram as histórias do boitat , do saci, curupira... tudo em Teatro de Sombras, n ? E daí a gente acaba vendo ao nosso entorno. O espetáculo de um amigo de outra cidade. Daí o cara põe sombra, também. Acaba tendo uma influência na produção artística, isso um ponto, e o outro na educação, porque o Teatro de Sombras passou a ser, na região, uma possibilidade, uma ferramenta para os professores. Então, nas cidades por onde o festival passa, você chega numa escola primária, ou de ensino fundamental, e pergunta para as crianças, quem já viu teatro de sombras. Uma grande maioria levanta a mão! E se perguntar: “Ah, minha professora deu aula”;

²² Ronaldo se refere à Escola Municipal de Artes Maestro F go Camargo, na cidade de Taubaté (SP).

²³ Espaço Cultural, Museu e área de lazer situada na cidade de Taubaté dedicada à obra infantil de Monteiro Lobato. A propriedade abriga a casa onde o autor viveu até os seus 12 anos, onde funciona o Museu Monteiro Lobato.



“Fui ver o festival”; “Vi um espetáculo”. Entre a população desse entorno, depois desses dez anos, muitas crianças, muita gente já conhece o Teatro Sombra. As pessoas já viram. E isso é muito interessante, porque é linguagem que não tem muita gente produzindo, mas aqui na região, talvez seja, do Teatro de Animação, a técnica mais conhecida, mais vista. Entre as crianças, os adolescentes e o povo em geral. É fascinante. Além da APAE²⁴, de a gente fazer já há alguns anos parceria com a APAE, e apresentar nesse lugar onde a as pessoas têm uma dificuldade intelectual, mas é uma alegria ver a reação dessas pessoas diante do espetáculo de sombras, é algo emocionante. Então a gente tem percebido o quanto a linguagem do Teatro de Sombras é possível, desde o Lambe-Lambe até a sombras gigantes, o quanto ela consegue dialogar, e em especial com os jovens. Eu tenho percebido que o teatro se distanciou de um diálogo com o povo. E o Teatro de Sombras reata um pouco isso, porque os jovens adoram. Os jovens assistem os nossos espetáculos, e são os que mais piram, assim. Falam: “que incrível!”. Talvez seja pela imagem em movimento, e dessa forma que a gente trabalha a nossa dramaturgia em camadas

Silvia: É, e acho que pela simplicidade. Porque eles veem a gente fazendo, é uma luz, uma coisa, mas a imagem projetada é uma coisa tão diferente né?

O Teatro de Sombras tem, em diversos de seus aspectos, essa duplicidade. Que não é uma ambiguidade, é uma simultaneidade, em que, ao mesmo tempo mostra imagens surpreendentes, que remetem a uma outra esfera de realidade, mas por outro lado, pode acontecer isso, e vocês fazem muito bem, que é revelar um pouco os processos de criação desse mundo magnífico, com a operação diante do público. Então, então existe uma convivência muito potente entre o fantástico, e o acessível.

O que é que o futuro reserva para a Cia Quase Cinema, e o FIS? Para onde vocês estão mirando, para onde a inquietação de vocês os está conduzindo?

Silvia: Eu vou falar um pouquinho de uma experiência que eu tive indo para um

²⁴ Associação de Pais e Amigos de Excepcionais. Entidade de assistência a pessoas com deficiência intelectual e/ou múltipla e transtorno do espectro autista.



festival na Colômbia, agora esse ano, que me tocou profundamente, em um certo sentido, e que talvez seja um caminho. Não sei se para o FIS, mas talvez para a companhia. O festival Sin Pasaporte²⁵. Um festival que falava justamente dessa questão das fronteiras, um festival *transfronteiriço*, com pessoas convidadas do México, Brasil e da Colômbia. De Teatro de Sombras era só a gente mesmo. A gente pôde fazer o nosso espetáculo, e eu pude participar de um fórum de mulheres refugiadas. Eu participei por conta da experiência que eu tive na nos campos de refugiados²⁶, das vezes que a gente foi à França, Bélgica, Alemanha, Grécia, todos esses lugares. Eu estava sentada ali, ao lado de uma menina que era de uma instituição que acolhe refugiados. Porque esse lugar para onde a gente foi na Colômbia, Necoclí, eles chamam de esquina da América do Sul, porque ela está ao norte do país, próximo à conexão com a América Central, que o pessoal usa para chegar ao Panamá e daí subir pela América Central e chegar aos Estados Unidos.

Ronaldo: Eles recebem um milhão de refugiados por ano.

Sílvia: Então, eles recebem muitos refugiados, de tudo quanto é lugar. Desde a Venezuela, que está ali do lado. Brasileiros, chineses, russos, gente de tudo quanto é lugar, querendo entrar nos Estados Unidos. Eu estava participando desse, fórum, e ao meu lado havia menina que cuidava desse centro que recebe esses refugiados, e que também tem uma questão de atenção à comunidade LGBT da localidade, ou que chegam lá. Algumas refugiadas da Venezuela, que estavam seguindo, estavam em trânsito ainda. A gente ouviu relatos de mulheres a experiência de terem deixado os filhos em algum lugar e continuar seguindo, tentar continuar a própria vida, porque tiveram que largar criança, marido, tudo, enfim. E uma moça falando sobre a feminização dessa migração. Inicialmente os movimentos migração eram feitos por homens, e hoje 40% das pessoas em migração são mulheres. E toda a questão da violência em torno desse processo, porque as mulheres são mais vulneráveis, mais suscetíveis a sofrerem violências. Ou seja, além das questões inerentes ao movimento de migração, tem a questão da própria violência que a mulher sofre. E havia um artista falando sobre a questão de que migrar é natural, falando o quanto isso faz parte do ser humano. Se você está num lugar que não está

²⁵ Festival Transfonterizo de las Artes y la Cultura por la Integración. Necoclí, Colômbia. @sinpasaportefest

²⁶ No ano de 2016 a Cia Quase Cinema executou um projeto chamado Refugiados em parceria com entidades de assistência e coletivos artísticos, como a Palhaços Sem Fronteiras. Lá realizou apresentações e oficinas para crianças em campos de refugiados em países como França, Bélgica e Grécia.



bom, não só o ser humano, mas todos os seres vivos, você vai naturalmente escolher um lugar que está melhor. Migrar é natural.

Era um festival falando sobre essa questão da fronteira, e trazendo atenção para isso. Eu achei muito interessante. A gente vê, a gente visitou campos de refugiados. Se eu estou num país onde está tudo bem eu não tenho necessidade de sair para outro lugar. Isso só acontece porque onde eu estou não está bom. E se onde eu estou não está bom, não é uma questão apenas local, é uma questão de política global. Porque tem a influência da dos países imperialistas que continua explorando, que continuam querendo ganhar dinheiro a qualquer custo e se dane o resto da população. Só que essa população não quer ficar num lugar ferrado. Essa população quer condições melhores de vida, que quer dar comida para os filhos, quer ter uma vida melhor como qualquer um. E não é porque quer ter luxo. Quer ter um teto, quer ter comida, dignidade.

A gente já tem essa pegada mesmo, tanto que a gente foi aos refugiados toda vez que teve oportunidade. Mas quando a gente participa de um festival em que a temática é essa, dá vontade de fazer mais coisas nesse sentido. Como procurar a UNIMA²⁷ e fazer uma coisa. A gente, inclusive, conheceu a presidente da UNIMA, a Karen Smith²⁸, ela estava no festival na Alemanha. Dá vontade de propor à UNIMA, à ONU para fazer um festival nesses lugares, para ir a esses lugares. Alguma coisa tem que ser feita para as pessoas voltarem a atenção e o olhar para isso. Para essas questões que estão acontecendo no mundo, e que precisam ser solucionadas. Essas guerras todas que estão acontecendo lá no Oriente médio. É um absurdo! Para onde vai isso?

Ronaldo: A fome, também. Essa coisa toda. Quando a gente olha para o futuro a gente pensa em transbordar o copo. Me transbordar e transbordar. Para além da discussão da arte pela arte; até onde a gente consegue fazer com que o trabalho de um grupo teatral possa contribuir na construção de um mundo melhor, sabe? Meio ambiente, a questão de feminicídio, todas essas questões contemporâneas e que não são questões de agora, são questões da humanidade, são questões do ser humano, entendeu?

Silvia: São questões nossas. Se você vai conversar com o os nossos amigos, por exemplo,

²⁷ Acrônimo da União Internacional da Marionete (Union Internationale de la Marionnette), o organismo associativo internacional que congrega instâncias e indivíduos em torno das artes do Teatro de Animação.

²⁸ Karen Smith, marionetista e professora australiana-americana, atualmente exercendo a função de presidente da UNIMA.



lá da Alemanha, se você conversar na profundidade, eles pensam a mesma coisa. Embora estejam lá na Alemanha, com uma vida confortável, eles estão pensando a mesma coisa. De que o mundo do jeito que está, esse jeito que a gente está levando não está legal. Vai dar ruim!

Ronaldo: Acho que a grande, a grande questão com a qual a gente hoje se depara é de que forma a gente consegue atingir os jovens. A nossa parada agora, enquanto Cia Quase Cinema é conseguir envolver os jovens, conseguir chegar ao coração dos jovens, conseguir fazer algo com que os jovens se sintam contemplados. Que eles se sintam parte disso, que os jovens possam estar envolvidos. A nossa linguagem já chega neles, mas como potencializar isso? Como fazer com que o festival tenha esse envolvimento dos jovens, que chegue nas crianças, que chegue na juventude? Porque a gente pensa que o futuro está na mão deles.

Silvia: A gente já deixou uma porcaria na mão deles.

Ronaldo: O que que a gente está produzindo enquanto arte? E qual que é o legado dessa arte? Para que caminho que ela está levando? O nosso caminho agora é justamente esse. De conseguir produzir um festival, produzir espetáculos, produzir conteúdos que encantem os jovens, que façam com que os jovens olhem com esperança para o futuro, que vejam o teatro como uma possibilidade de comunicação. Possibilidade de fala, possibilidade de luta, possibilidade de avanço. Porque, às vezes, eu olho para o teatro e vejo que ele perdeu um pouco esse lugar. Eu acho que o teatro tem essa força de envolver, de promover uma luta, que muitos teatrólogos, muitos escritores, muitos grupos, promoveram lutas para a transformação da realidade. A própria maneira como propuseram modos de criação e produção, apontaram, novos caminhos, mesmo socialmente falando. Acho que a gente precisa buscar isso. Não que a gente tenha, mas vamos tatear esse lugar.

Agora em 2025, acabamos de receber um prêmio e estamos indo para a África, de volta. Conseguimos uma verba e vamos embora para África levando o espetáculo que a gente foi lá pesquisar. Vamos apresentar para os jovens lá na África e vamos circular por lá com o espetáculo. Então é isso: fazer com que o trabalho se expanda, mas que a gente consiga ver que causa um impacto real na vida das pessoas e no cotidiano. Que essa experiência ela não fique só na experiência estética do tipo: “ai, que bonito, que legal!”.

A arte como ferramenta de transformação da realidade.



Ronaldo: Eu sei que é um pouco utópico de se falar. - “O que vocês estão querendo”, né, velho? Mas esse é o meu trabalho.

Não é utópico, basta a gente ser realista quanto a nossa escala de impacto. E aos poucos, tudo vai acontecendo.

Imagem 4 – Final da apresentação do espetáculo O Príncipe e o Caranguejo, da CIA Andi Rubisntein, durante o IV FIS (2017).



Fonte: Acervo da Cia. Quase Cinema.

Referências

MARZLIAK, N.; Sobrinho, G. A. *Os quase-cinemas de Hélio Oiticica: experimentações transcineamatográficas de instalação*. rebecca. Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual. Ano 6. V.2. SOCINE, julho-dezembro de 2017. Disponível em: <https://rebecca.socine.org.br/1/article/view/257/275> . Acesso em 02/11/2024.

MOTA, Gilson; BALARDIM, Paulo (orgs). **Teatro de Sombras ao vivo**. Conversas com artistas latino-americanos. Vol.1. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2021.

Recebido em: 18/11/2024

Aprovado em: 24/12/2024

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Programa de Pós-graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas
aluzemcena.ceart@udesc.br